



FOENKINOS, David. *Charlotte*. Paris: Gallimard, 2014.

Uma luz brilhante para morrer

Cecília Zokner *

A vida de Charlotte, à semelhança de milhares de outras que a ignomínia humana triturou, será contada por David Foenkinos no romance que tem por título o nome de seu personagem. Escrito sob o signo de Kafka, como indica a epígrafe do livro, o escritor tcheco é uma presença confirmada na menção a sua personagem Joseph K cuja passividade diante do absurdo de uma prisão sem motivo se renovou no comportamento de milhares de pessoas na Alemanha nazista. O romance se inspirou na autobiografia de Charlotte, intitulada *Salomon Vie? Ou théâtre*.

O ficcionista segue os passos da personagem num relato feito surpreendentemente de breves frases, apresentadas como um poema de muitas estrofes que podem se constituir de um verso apenas, como aquele que marca o início da insensatez que, num crescendo, irá se propagar em breve (“Em janeiro de 1933 a raiva acede ao poder”). Ou aqueles que marcam momentos decisivos (“Desaparecer de superfície humana”) ou, ainda, os que são regidos pela solidão a conduzir para a morte (“É preciso uma luz brilhante para morrer”).

Por vezes, o verso é feito de somente uma palavra a conter nela, porém, todo um universo: nada quando a menina espera a mensagem de sua mãe morta; Uma ponte, o lugar procurado pela jovem suicida; sim, a primeira palavra dirigida ao homem por quem Charlotte irá se apaixonar; não a decisão tomada pelo pai do seu futuro filho em não deixá-la ir sozinha quando foi presa pelos nazistas.

Situações extremas que levaram Foenkinos a uma composição inédita do romance quando compreendeu que para conseguir respirar “era preciso escrever assim” isto é, frase por frase e para cada uma, uma nova linha para poder, então, seguir a trajetória de Charlotte. Trajetória feita de profundos e desgarradores sentimentos que Foenkinos persegue, agora numa Alemanha refeita de seu barbarismo, ainda lembrado nos “Stolpersteine”, “pequenas placas douradas ao sol, para homenagear os deportados. Percorri os lugares e as cores, no sonho e na realidade”. Assim, refaz, muitas vezes, o caminho de Charlotte para a escola Fürstin-Bismark, visita a rua Wielandstrasse, no bairro berlinense Charlottenburg, onde ainda existe o apartamento onde ela viveu até deixar a Alemanha e a vila Marlier en Wannsee perto da qual esteve com



Alfred. Também, a vila L'Ermitage, propriedade da norte-americana Ottilie Moore em Villefranche-sur-Mer, onde Charlotte se refugiou com os avós, o consultório do Dr. Moridis, o hotel La Belle Aurore, em Sain-Jean-Cap-Ferrat. Espaços plenos de significados que ultrapassam o sentido da busca nessa peregrinação que se faz em sinuosas linhas temporais. Charlotte vai se revelando na sua solidão, nos seus múltiplos medos, nas suas sofridas relações com um mundo que só lhe proporcionam sofrimentos: a repentina orfandade, as sucessivas manifestações violentas que vão se sucedendo na Alemanha: os insultos, a necessidade de possuir um documento comprobatório de não ter um "sangue ruim" a percorrer as veias, as leis que impedem o trabalho de sua madrasta, uma cantora célebre proibida de cantar em público e de seu pai, professor e conceituado médico sem direito de ensinar e de clinicar; não lhe ser permitido continuar seus estudos, tampouco receber o prêmio a que fizera jus na Academia de Belas Artes; sua ida, sozinha para a França, a permanência com o avô num campo de refugiados.

Entremeando-se a esse trágico cotidiano e nele se inscrevendo, a emoção diante de certos quadros dos museus da Itália quando, no verão de 1933, lá esteve com seus avós. No seu retorno, as aulas acadêmicas de desenho que não lhe permitem expressar o que sente embora lhe aperfeiçoando o traço. Admirando Van Gogh, descobrindo Marc Chagall, venerando Emil Nolde, conhecendo Edward Munch, Oskar Kokoschka, Max Beckmann, ela compreende que nada tem importância, salvo a pintura. É quando, Charlotte, que havia se sentido tão perdida, encontra o seu caminho que, ainda, vai lhe oferecer um momento decisivo: o encontro com Alfred Wolfsohn. Por ele sentirá um amor ilimitado – "Sua presença é suficiente para tornar intenso cada instante" – e a força para enfrentar proibições como o de permanecer num café ou sentar-se num banco proibido para judeus, sair à noite, enfrentando perigos para encontrá-lo. "Tudo o que ele pedir, Charlotte o fará".

Então, atende seu pedido e ilustra-lhe o livro autobiográfico, desenhando horas, dias e noites numa paixão que não terá apenas a recompensa do agradecimento, um simples "Obrigada pelos teus desenhos" mas, saber que lhe haviam agradado pela força de sua promessa, porque neles escutou-lhe a voz e percebeu algo de perda e de insegurança: "Talvez, o esboço de uma loucura/ uma loucura doce e dócil, sábia e polida mas real". Charlotte sempre tão cheia de medos diante dessas palavras que o homem que ela ama fala "sobre seu desvario" percebe que o momento que acabara de viver a "embriaga e que agora ela sabe onde ir. Ela sabe onde se esconder, se abrigar do ódio".

Na descoberta do amor e da entrega, Charlotte se inebria. A seu redor vai se aprofundando e se espalhando o caos. Sobrevém a Noite de Cristal, sucedem-se as prisões sem arbítrio, os saques das lojas de judeus e o boicote de seus bens, as



humilhações, as mortes. Levas de milhares de judeus para os campos de concentração. A solução final decidida no dia 20 de janeiro de 1942.

David Foenkinos é o dono do tempo na história que relata. Como narrador já está presente no primeiro poema ao mencionar-lhe a avó: “Sua vida foi uma sucessão de dramas. / Será muito útil enunciá-los mais tarde”. Logo conclui: “No momento, fiquemos com Charlotte. / La première Charlotte”. Uma primeira pessoa plural que enunciará, por vezes, um tempo preciso – “Nós estamos agora em 1930, Voltemos para 1933, Nós estamos agora em 1940” – entre outras datas que um dizer impessoal testemunha à medida que se fazem imprescindíveis: 1938, A noite de Cristal; Verão de 1942, a ordem para que os judeus se apresentem às autoridades; 11 de novembro de 1942, a França é inteiramente ocupada; 8 de setembro de 1943, a Alemanha controla o sul da França, 21 de setembro de 1943, Charlotte é denunciada; 27 de setembro 1943, chegada de Charlotte e Alexandre a Drancy. Ao longo do relato, a ansiosa procura para recriar Charlotte que vai se revelando tão plena de profundos e desgarradores sentimentos que as linhas temporais em que essa procura se inscreve se enovelam ao sentir do autor na sua sofrida ânsia de a reencontrar.

Na casa de Berlin, foi impedido de entrar, hostilizado por aqueles que passaram a ocupar esses espaços onde vivera Charlotte. Na antiga propriedade de Otilie Moore, desejava somente olhar o jardim ou o que dele sobrara porque uma piscina ocupava, agora, um grande espaço e a casa dera lugar a uma outra. A nova dona, porém, não somente o impede de entrar, como ameaça chamar o guarda, fazendo lembrar o que ali se passara em 1943. “Porque é aqui exatamente que o ódio virá para atingir Charlotte”, ele diz, antecipando, como narrador onisciente, o que iria acontecer com Charlotte e Alexandre, o homem com quem ela se casara. Seguindo Charlotte nesses espaços que ele pugna por conhecer, igualmente a vai encontrando nos inegáveis registros que ainda permanecem: a fotografia de escola, essa outra em que está com o pai na sacada do apartamento em Berlin, sua admissão na Academia de Belas Artes de Berlim.

Na exposição de sua obra em Paris reencontra todo um mundo que lhe era próximo: a atração pelo bairro de Charlotte onde passava horas num café da praça da Savignyplatz, seu germanismo que o fazia admirador dos autores, dos músicos e dos artistas alemães, a admiração pelo historiador da arte Aby Warburg. Porque ao ver as pinturas de Charlotte, não apenas se emociona profundamente, como sente – “Tudo estava lá / Num relâmpago de cores vivas” – ter encontrado, enfim, o que buscava. Emoção que irá se completar quando a filha do doutor Moridis lhe mostra o lugar onde seu pai havia guardado a mala contendo a obra que lhe fora entregue, por Charlotte ao se sentir ameaçada: “Fiquei imóvel diante desse passado tão real. Uma emoção de



uma rara intensidade”. Repete, então, o que dissera Charlotte para o doutor Moridis: “É toda a minha vida”.

Durante anos, David Foenkinos leu *Vie? Ou Théâtre*. Citou e evocou Charlotte nos seus romances, mas o livro que sobre ela, tantas vezes, tentava escrever era começado e abandonado porque ele se enredava em hesitações: “Mas como?/ Devo estar presente?/ Devo romancear sua história?/ Que forma deve tomar minha obsessão?”

Na verdade, ele está presente como narrador seja na primeira pessoa do plural, seja na primeira pessoa do singular como quando apresenta Alfred Wolfsohn: “no momento em que o procuro para descrevê-lo, ele caminha rápido”. Mas, sua presença como autor vai sutilmente se impondo até fazer dele também um personagem. Charlotte “não é uma biografia clássica, é emocional. Queria contar também a história de minha fascinação por uma artista que descobri numa exposição em Paris sete décadas depois de sua morte”, ele diz numa entrevista a Catalina Guerrero, em abril de 2015 ano, quando esteve em Madri para o lançamento da tradução de seu romance. A atração que sente por Charlotte emerge de sua sofrida ânsia, em fazê-la reviver nos gestos, nos traços, nos sofrimentos e na felicidade tão breve que lhe coube. Nos cruciais momentos de insegurança, medo, angústia, dor e solidão, naqueles em que ela conheceu o amor. Ou nesse outro em que se encontrou a si mesma e descobriu que deveria contar sua vida.

Porém, ao seguir-lhe os passos não foi poupado de mergulhar na época em que Charlotte viveu e confrontar-se com os seus horrores que embora esmaecidos pelos tempo transcorrido não permitem trégua. Porque embora David Foenkinos se permita uma catarse ao contar a reação agressiva das mulheres que o impediram de se aproximar dos lugares onde viveu, Charlotte, dizendo de uma delas “Uma mulher inquieta aparece” para atender a campainha; mal escutando o nome de Charlotte Salomon e a palavra escritor bate a porta sem responder ; e rotular a outra, que não lhe permite visitar a vila L’Ermitage de “mulher velha, azeda, apavorada, imbecil”, diante de tais reações, se confessa “estupefato, sem compreender”. No entanto, tais presenças e tais atitudes se constituem, sem dúvida, algo mais do que um simples registro ocasional. Umas e outras não se mostram apenas, imprevisivelmente, desagradáveis ou sem complacência como levam a constatar o prolongamento de um perigoso estado de espírito, alimentado de ódios e desconfianças e preconceitos que ainda não foi erradicado. Ao se referir às “placas douradas”, testemunho dos crimes cometidos que se espalham por Berlim, observa que para serem vistas “É preciso caminhar com a cabeça baixa, procurar a memória entre as pedras da calçada”. Como se a essa memória trágica e incomensurável fosse suficiente ser lembrada de maneira tão pequena. Há, entretanto, situações em que a emoção o



surpreende de um modo bem mais profundo. Assim, ao visitar a vila Marlier, diante da qual Charlotte e Alfred, se encontram sob um céu nublado. Eles admiram “sua beleza e elegância” e têm coragem para sentar-se num banco próximo, destinado somente aos arianos sem saber, como sabe David Foenkinos, que nessa casa, algum tempo depois, irá acontecer a Conferencia de Wannsee na qual, em duas horas, foram “esmiuçadas as engrenagens da Solução Final. / Definidos os métodos de extinção”. Mais de meio século se passou, a Vila Marlier se tornou “um lugar de memória” e David Foenkinos, em 2004, ao visitá-la pôde sentir-lhe o horror – “A longa mesa de reunião é assustadora / Como se os objetos tivessem participado do crime” – e, pela primeira vez, entender a expressão sentir um frio na espinha. Contudo, ainda lhe estava reservado mais um infausto encontro quando sabe o nome daquele que delatou Charlotte aos alemães. Apenas um telefonema e os nazistas a foram buscar na vila L’Ermitage, a levaram presa e a enviaram para a morte.

Ao chegar a Villefranche-sur-Mer nas suas pegadas, Foenkinos ouve alguém dizer que há pessoas que sabem quem foi o delator: “Tanto tempo depois, ainda se mussita. / Durante anos, os culpados viveram aqui” como aliás, ele acrescenta, viveram também em tantos outros lugares. Optou por não procurar o descendente, filho ou filha de quem a denunciou e no romance ele se pergunta: “Com que fim? / É verdadeiramente tão importante?” Porém, nessa entrevista a Catalina Guerrero da agência noticiosa EFE, ele diz que falou com uma neta do homem que entregou Charlotte mas não desejou mencionar esse encontro, tampouco o nome do delator, porque se o fizesse iria conspurcar o romance. Como, certamente, maculou a sua alma ao sabê-lo. Tanto quanto a dúvida sobre quem informou aos alemães a maneira de chegar até a vila onde Charlotte morava já há tantos anos. Ele poderia ter sido impreciso ao indicar o caminho? Ou poderia tentar avisá-la de que a procuravam? “Teve medo ou foi um colaborador?” Ou, então, o que se passou na sua cabeça?

Na sua busca, Foenkinos talvez tenha procurado respostas. Provavelmente, se deparou com novas interrogações porque o trato com o ser humano se estilhaça em infindáveis razões e múltiplos desassossegos. Desassossego é o que produz a leitura de seu romance, em página alguma isento de emoção face a esses destinos que não apenas a vida mas, sobretudo, a execrável, desmedida, irracional crueldade sacrificou e que parece não ser difícil vislumbrar muito próxima nas repetições dos desacertos que a ingenuidade pode presumir terem ficado no passado. Porque, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, dizia o poeta no século dezesseis. Que seja permitido acrescentar: mudam-se os personagens, mudam-se os lugares, mudam-se as verdades para que o ciclo recomece.



David Foenkinos é autor de vários romances que já foram traduzidos em quinze idiomas é considerado, na França, onde nasceu em 1974, um dos melhores escritores de sua geração. *Charlotte*, que a Gallimard publicou em 2014, inovador, contundente, emocionante é um momento deveras soberano na sua vasta obra.

* **Cecília Zokner** é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Bordeaux e Professora Aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR).